

A HOMILIA E O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA
ANO B

DOMINGO XXVIII DO TEMPO COMUM

CIC 101-104: Cristo, a palavra única da Sagrada Escritura

- 101** Na sua bondade condescendente, para Se revelar aos homens, Deus fala-lhes em palavras humanas: «As palavras de Deus, com efeito, expressas por línguas humanas, tornaram-se semelhantes à linguagem humana, tal como outrora o Verbo do eterno Pai se assemelhou aos homens assumindo a carne da debilidade humana»¹.
- 102** Através de todas as palavras da Sagrada Escritura, Deus não diz mais que uma só Palavra, o seu Verbo único, em quem totalmente Se diz²:
«Lembra-vos de que o discurso de Deus que se desenvolve em todas as Escrituras é um só, e um só é o Verbo que Se faz ouvir na boca de todos os escritores sagrados, o qual, sendo no princípio Deus junto de Deus, não tem necessidade de sílabas, pois não está sujeito ao tempo»³.
- 103** Por esta razão, a Igreja sempre venerou as divinas Escrituras tal como venera o Corpo do Senhor. Nunca cessa de distribuir aos fiéis o Pão da vida, tomado à mesa quer da Palavra de Deus, quer do Corpo de Cristo⁴.
- 104** Na Sagrada Escritura, a Igreja encontra continuamente o seu alimento e a sua força⁵, porque nela não recebe apenas uma palavra humana, mas o que ela é na realidade: a Palavra de Deus⁶. «Nos livros sagrados, com efeito, o Pai que está nos Céus vem amorosamente ao encontro dos seus filhos, a conversar com eles»⁷.

CIC 131-133: a Sagrada Escritura na vida da Igreja

- 131** «É tão grande a força e a virtude da Palavra de Deus, que ela se torna para a Igreja apoio e vigor e, para os filhos da Igreja, solidez da fé, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual»⁸. É necessário que «os fiéis tenham largo acesso à Sagrada Escritura»⁹.

¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 13: AAS 58 (1966) 824.

² Cf. *Heb* 1, 1-3.

³ SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum* 103, 4, 1: CCL 40, 1521 (PL 37, 1378).

⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 21: AAS 58 (1966) 827.

⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 24: AAS 58 (1966) 829.

⁶ Cf. *1 Ts* 2, 13.

⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 21: AAS 58 (1966) 827-828.

⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 21: AAS 58 (1966) 828.

⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 22: AAS 58 (1966) 828.

- 132** «O estudo das Páginas sagradas deve ser como que a “alma” da sagrada teologia. Também o ministério da Palavra, isto é, a pregação pastoral, a catequese, e toda a espécie de instrução cristã, na qual a homilia litúrgica deve ter um lugar principal, com proveito se alimenta e santamente se revigora com a palavra da Escritura»¹⁰.
- 133** A Igreja «exorta com ardor e insistência todos os fiéis [...] a que aprendam “a sublime ciência de Jesus Cristo” (Fl. 3, 8) na leitura frequente da Sagrada Escritura. Porque “a ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo”»¹¹.

CIC 2653-2654: as Escrituras, fonte da oração

- 2653** A Igreja «exorta com ardor e insistência todos os fiéis [...] a que aprendam “a sublime ciência de Jesus Cristo” pela leitura frequente das divinas Escrituras [...]. Lembrem-se, porém, de que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração, para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem, porque “a Ele falamos, quando rezamos, a Ele ouvimos, quando lemos os divinos oráculos”»¹².
- 2654** Os Padres espirituais, parafraseando *Mt 7, 7*, resumem assim as disposições do coração, alimentado pela Palavra de Deus na oração: «Procurai na leitura e achareis na meditação; batei à porta na oração e ela abrir-se-vos-á na contemplação»¹³.

CIC 1723, 2443-2449: o amor dos pobres

- 1723** A bem-aventurança prometida coloca-nos perante as opções morais decisivas. Convida-nos a purificar o nosso coração dos seus maus instintos e a procurar o amor de Deus acima de tudo. E ensina-nos que a verdadeira felicidade não reside nem na riqueza ou no bem-estar, nem na glória humana ou no poder, nem em qualquer obra humana, por útil que seja, como as ciências, as técnicas e as artes, nem em qualquer criatura, mas só em Deus, fonte de todo o bem e de todo o amor:

«A riqueza é a grande divindade deste tempo; é a ela que a multidão, toda a massa dos homens, presta instintiva homenagem. Mede-se a felicidade pela fortuna, como pela fortuna se mede a honorabilidade [...] Tudo provém desta convicção: com a riqueza, tudo se pode. A riqueza é, pois, um dos ídolos actuais; outro, é a notoriedade. [...] A notoriedade, o facto de se ser conhecido e de dar brado no mundo (a que poderia chamar-

¹⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 24: AAS 58 (1966) 829.

¹¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 25: AAS 58 (1966) 829; cf. SÃO JERÓNIMO, *Commentarii in Isaiam*, Prologus: CCL 73, 1 (PL 24, 17).

¹² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 25: AAS 58 (1966) 829; cf. SANTO AMBRÓSIO, *De officiis ministrorum*, 1, 88: ed. N. TESTARD (Paris 1984) p. 138 (PL 16, 50).

¹³ GUIGO, o CARTUXO, *Scala claustralium*, 2, 2: PL 184, 476. Entretanto, estas palavras não foram retidas no texto da edição crítica SC 163, 84; veja-se aí o aparato crítico.

se fama de imprensa), acabou por ser considerada como um bem em si mesma, um bem soberano, objecto, até, de verdadeira veneração»¹⁴.

2443 Deus abençoa os que ajudam os pobres e reprova os que deles se afastam: «Dá a quem te pede; não voltes as costas a quem pretende pedir-te emprestado» (*Mt* 5, 42). «Recebestes gratuitamente; pois dai também gratuitamente» (*Mt* 10, 8). É pelo que tiverem feito pelos pobres, que Jesus reconhecerá os seus eleitos¹⁵. Quando «a boa-nova é anunciada aos pobres» (*Mt* 11, 5)¹⁶, é sinal de que Cristo está presente.

2444 «O amor da Igreja pelos pobres [...] faz parte da sua constante tradição»¹⁷. Esse amor inspira-se no Evangelho das bem-aventuranças¹⁸, na pobreza de Jesus¹⁹ e na sua atenção aos pobres²⁰. O amor dos pobres é mesmo um dos motivos do dever de trabalhar: para «poder fazer o bem, socorrendo os necessitados»²¹. E não se estende somente à pobreza material, mas também às numerosas formas de pobreza cultural e religiosa²².

2445 O amor dos pobres é incompatível com o amor imoderado das riquezas ou com o uso egoísta das mesmas:

«E agora, ó ricos, chorai em altos brados por causa das desgraças que virão sobre vós. As vossas riquezas estão podres e as vossas vestes roídas pela traça. O vosso oiro e a vossa prata enferrujaram-se e a sua ferrugem servirá de testemunho contra vós e devorará a vossa carne como o fogo. Entesourastes, afinal, para os vossos últimos dias! Olhai que o salário que não pagastes aos trabalhadores que ceifaram os vossos campos está a clamar; e os clamores dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor do universo! Tendes vivido na terra entregues ao luxo e aos prazeres, cevando assim os vossos apetites... para o dia da matança! Condenastes e destes a morte ao inocente, e Deus não vai opor-se?» (*Tg* 5, 1-6).

2446 São João Crisóstomo lembra com vigor: «Não fazer os pobres participar dos seus próprios bens é roubá-los e tirar-lhes a vida. Não são nossos, mas deles, os bens que aferrolhamos»²³. «Satisfaçam-se, antes de mais, as exigências da justiça e não se ofereça como dom da caridade aquilo que é devido a título de justiça»²⁴:

«Quando damos aos indigentes o que lhes é necessário, não lhes ofertamos o que é nosso; limitamo-nos a restituir-lhes o que lhes pertence. Mais do que praticar uma obra de misericórdia, cumprimos um dever de justiça»²⁵.

¹⁴ IOANNES HENRICUS NEWMAN, *Discourses addressed to Mixed Congregations*, 5 [*Saintliness the Standard of Christian Principle*]

¹⁵ Cf. *Mt* 25, 31-36.

¹⁶ Cf. *Lc* 4, 18.

¹⁷ JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 57: AAS 83 (1991) 862-863.

¹⁸ Cf. *Lc* 6, 20-22.

¹⁹ Cf. *Mt* 8, 20.

²⁰ Cf. *Mt* 12, 41-44.

²¹ Cf. *Ef* 4, 28.

²² Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 57: AAS 83 (1991) 863.

²³ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In Lazarum*, concio 2, 6: PG 48, 992.

²⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Apostolicam actuositatem*, 8: AAS 58 (1966) 845.

²⁵ SÃO GREGÓRIO MAGNO, *Regula pastoralis*, 3, 21, 45: SC 382, 394 (PL 77, 87).

2447 As obras de misericórdia são as acções caridosas pelas quais vamos em ajuda do nosso próximo, nas suas necessidades corporais e espirituais²⁶. Instruir, aconselhar, consolar, confortar, são obras de misericórdia espirituais, como perdoar e suportar com paciência. As obras de misericórdia corporais consistem nomeadamente em dar de comer a quem tem fome, albergar quem não tem tecto, vestir os nus, visitar os doentes e os presos, sepultar os mortos²⁷. Entre estes gestos, a esmola dada aos pobres²⁸ é um dos principais testemunhos da caridade fraterna e também uma prática de justiça que agrada a Deus²⁹:

«Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma, e quem tem mantimentos, faça o mesmo» (Lc 3, 11). «Dai antes de esmola do que possuis, e tudo para vós ficará limpo» (Lc 11, 41). «Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem do alimento quotidiano, e um de vós lhe disser: “Ide em paz; tratai de vos aquecer e de matar a fome”, mas não lhes der o que é necessário para o corpo, de que lhes aproveitará?» (Tg 2, 15-16)³⁰.

2448 «Sob as suas múltiplas formas: indigência material, opressão injusta, doenças físicas e psíquicas, e finalmente a morte, a *miséria humana* é o sinal manifesto da condição congénita de fraqueza em que o homem se encontra desde o primeiro pecado e da necessidade que tem de salvação. Foi por isso que ela atraiu a compaixão de Cristo Salvador, que quis tomá-la sobre Si e identificar-Se com os “mais pequenos de entre os seus irmãos”. E por isso, os que se sentem acabrunhados por ela são objecto de *um amor preferencial* por parte da Igreja que, desde o princípio, apesar das falhas de muitos dos seus membros, nunca deixou de trabalhar por aliviá-los, defendê-los e libertá-los; fê-lo através de inúmeras obras de beneficência, que continuam indispensáveis, sempre e em toda a parte»³¹.

2449 Desde o Antigo Testamento, toda a espécie de medidas jurídicas (ano de remissão, interdição de empréstimos a juros e da retenção dum penhor, obrigação do dízimo, pagamento quotidiano da jorna, direito de apanhar os restos da vindima e da ceifa) são uma resposta à exortação do Deuterónimo: «Nunca faltarão os pobres na terra; por isso, faço-te esta recomendação: abre, abre a mão para o teu irmão, para o pobre e necessitado que estiver na tua terra» (Dt 15, 11). E Jesus faz sua esta palavra: «Pobres, sempre os haveis de ter convosco; a Mim, nem sempre Me tereis» (Jo 12, 8). Com isto não faz caducar a força dos oráculos antigos: «Compraremos os necessitados por dinheiro e os pobres por um par de sandálias» (Am 8, 6), mas convida-nos a reconhecer a sua presença na pessoa dos pobres que são seus irmãos³²:

No dia em que a sua mãe a repreendeu por manter em sua casa pobres e doentes, Santa Rosa de Lima respondeu-lhe: «Quando servimos os pobres e os doentes, é a Jesus servimos. Não devemos cansar-nos de ajudar o nosso próximo, porque nele servimos a Jesus»³³.

²⁶ Cf. Is 58, 6-7; Heb 13, 3.

²⁷ Cf. Mt 25, 31-46.

²⁸ Cf. Tb 4, 5-11; Sir 17, 18.

²⁹ Cf. Mt 6, 2-4.

³⁰ Cf. 1 Jo 3, 17.

³¹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Insti. *Libertatis conscientia*, 68: AAS 79 (1987) 583.

³² Cf. Mt 25, 40.

³³ P. HANSEN, *Vita mirabilis [...] venerabilis sororis Rosae de sancta Maria Limensis* (Romae 1664) p. 200.